

SENTIDO DA MARCHA POPULAR

Josaphat Marinho

CORREIO BRAZILIENSE

A Marcha dos 100 mil, tenha ou não alcançado esse número, concentrou grande multidão em Brasília, formada por grupos originários de diversos estados. A diferença, porventura, para menos, não é relevante em face da massa humana reunida na Esplanada dos Ministérios. O fato, por sua expressão, reclama reflexão geral, e especialmente de parte dos governantes. Se uma parcela deslocou-se orientada por objetivos manifestamente políticos, outra aderiu ao movimento po decisão espontânea. É prudente compreender que não há organização partidária ou sindical, entre nós, com força suficiente para mobilizar tanta gente, e de pontos diferentes do território nacional.

Conseqüentemente, cumpre apurar por que tantas pessoas, em centenas e milhares, abandonaram suas casas ou seu trabalho, e até o lazer, para viajar, sem conforto estimulante, até a sede do poder federal. Não há de ter sido, preponderantemente, pelo prazer de um passeio, que não ofereceria comodidade. Os que têm participação na atividade política sabem quanto é difícil despertar o interesse das pessoas para um comício, ou uma reunião de sentido político. Domina uma indiferença generalizada. Somente minoria se dispõe a emprestar solidariedade a iniciativas dessa natureza, salvo em circunstâncias singulares.

Lógico é deduzir, portanto, que motivos extensos e profundos concorreram para tamanha concentração. O fenômeno assemelha-se ao que ocorreu na luta pelas eleições diretas, favorecendo a propaganda da candidatura de Tancredo Neves. O povo, rebelado contra o regime autoritário de base militar, ia além dos partidos, no reclamo do restabelecimento das prerrogativas democráticas. Tanto



que, derrotada a emenda das eleições diretas, o povo pressionou os partidos para que fossem ao colégio eleitoral, a fim de utilizar o mecanismo de força contra os que o criaram. E o procedimento deu certo, com a vitória de Tancredo Neves.

No momento, há que entender, o governo sobretudo, que o movimento popular ultrapassa os propósitos partidários e de classes. A multidão, ou parte dela, não teve como finalidade principal investigar irregularidades em desapropriações, ou pedir o afastamento do presidente. Embora haja fortes suspeitas quanto a processos de privatização e o presidente da República tenha perdido a popularidade, o que o povo pede é bem-estar. Se os preços e tarifas aumentam, se o desemprego atinge percentual excessi-

vo, o que importa é a modificação do quadro econômico. Essa modificação significa, de modo substancial, para o homem de classe média e o assalariado, a reativação da produção, do comércio e da indústria, do aproveitamento de mão-de-obra. Daí é que resultará a melhoria das condições de vida.

É o padrão de consumo em equilíbrio, a garantia da subsistência com dignidade, que propicia ou assegura a paz social. As acusações entre as forças políticas e dirigentes, se despertam a curiosidade de grupos, não bastam para justificar o apoio da coletividade sofredora. É secundário, pois, que autoridades federais qualifiquem a marcha de movimento "sem rumo", ou de "golpistas" algumas de suas lideranças. Mesmo que haja divergência em torno de suas

diretrizes, grandes camadas, demonstradamente, aplaudem a resistência organizada ao governo, diante do sofrimento geral.

Nesse estado de espírito coletivo, de intranqüilidade e desesperança, é que os governantes devem atentar com redobrado cuidado. Em vez de reduzirem a visão ao terreno limitado dos partidos e associações, é providente a apuração da intensidade do desespero ou da angústia da população em geral. O protesto das instituições políticas e sociais é indício sério de descontentamento. Maior, porém, é o próprio rumor das massas nas praças públicas. É bom entendê-lo, na tentativa de mudar a direção dos ventos.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da UnB e da Universidade Federal da Bahia